

## O que é Aldravia?

Trata-se de um poema sintético, capaz de inverter ideias correntes de que a poesia está num beco sem saída. Essa forma nova demonstra uma via de saída para a poesia – aldravia. O Poema é constituído numa linométrica de até 06 (seis) palavras-verso. Esse limite de 06 palavras se dá de forma aleatória, porém preocupada com a produção de um poema que condense significação com um mínimo de palavras, conforme o espírito *poundiano* de poesia, sem que isso signifique extremo esforço para sua elaboração.

Abaixo, aldravias de seus criadores:

aldravias  
buscam  
continentes  
em  
longínquas  
porções

*Andreia Donadon Leal*



morangos  
passeiam  
sob  
blusa  
de  
algodão

*J. B. Donadon-Leal*

aldravia  
meu  
verso  
universo  
em  
poesia

*Gabriel Bicalho*



trovões  
riscam  
céu:  
chuva  
de  
palavrões

*J.S.Ferreira*



## EDIÇÃO ESPECIAL



## ABC DAS ALDRAVIAS

ALDRAVIA, poema composto de até seis versos univocabulares, com sintaxe paratática (por coordenação), livre de amarras que venham a implicar na limitação de interpretações.

Na Aldravia, a palavra é o elemento essencial formador da Poesia; por isso, a Aldravia prescinde da utilização de recursos visuais adicionais, nada obstante aceitar-se experimentação que não torne complicada a leitura do poema.

A partir do conceito "poundiano" de o máximo de Poesia, num mínimo de palavras, o Poeta Aldravianista deve observar os seguintes critérios para a elaboração de Aldravias:

- iniciar os versos com letras minúsculas. Em caso de nomes próprios, vale a opção do autor;
- a divisão em palavras-versos já implica pausa; por isso, não é recomendada a utilização de pontuação. Além disso, a pontuação limita possíveis interpretações relativas a livres escolhas do leitor em deslizar pausas para criar novos sentidos.
- as pontuações de interrogação ou de exclamação podem ser utilizadas, se a sintaxe da Aldravia, por si só, não denunciar a sua proposição.
- nomes próprios duplos (com ou sem ligação por hífen), cuja divisão resulta em outro nome (Di Cavalcanti, Van Gogh), podem ser considerados um único vocábulo;
- nomes e formas pronominais ligadas por hífen podem ser considerados vocábulos únicos;
- sugerir mais do que tentar escrever todo o conteúdo. Incompletude é provocação aldrávica.
- privilegiar a metonímia, evitando-se a metáfora.

*Andreia Donadon Leal; Gabriel Bicalho;  
J. B. Donadon-Leal e J.S.Ferreira.*

// Criadores da Aldravia //



**Pizzaria e Lanchonete Dom Silvério - Forno à Lenha**  
 ⇒ RUA SALOMÃO IBRAHIM DA SILVA, 78. CENTRO-MARIANA-MG / Fone: (031) - 3557-2475

## O LIVRO DAS ALDRAVIAS // // // // Apresentação // // // //

Dr. José Luiz Foureaux de Souza Júnior

Apresenta-se aqui outra coletânea, em língua pátria (em sua maior parte, pois há participação estrangeira – Portugal e França). Desta feita, o conjunto é constituído de ALDRAVIAS. Os criadores desta nova forma de poesia são os poetas do Movimento Mineiro Aldravista: Gabriel Bicalho, Andreia Donadon Leal, J.S.Ferreira e J.B.Donadon-Leal.

Cabe uma rápida digressão sobre esta forma inovadora de poesia, herdeira – pelo menos, em certo sentido – do Hai Kai e ancorada na proposta poética de Ezra Pound. Mistura explosiva, no que este adjetivo carrega de dinamismo e criatividade, a aldravia é forma experimental que prescinde dos preceitos mais tradicionais do fazer poético. Acompanhando o rastro deixado pela recuperação operacional do conceito de metonímia – traço personalíssimo da poesia do grupo de Minas – a aldravia busca enredar o leitor nas malhas da criação do sentido poético, abusando positiva e dinamicamente da potencialidade semântico-discursiva da metonímia. Em outras palavras, a nudez formal da proposta – as aldravias são compostas de estrofes únicas de até (preferencialmente) seis versos, estes, por sua vez, expressos em vocábulos igualmente únicos, acompanhados ou não de sinais de pontuação – é prova cabal da ousadia deste estágio de experimentação estética do grupo aldravista. Aqui entra Pound com o axioma do “máximo de poeticidade num mínimo de palavras”. O número de versos pode duplicar a proposta haicaista, mas mantém – repito, em certa medida – a contenção nos instrumentos que desenvolvem o desenho da cena poética que os versos criam.

As digressões desempenham aqui o papel de guia na leitura do conjunto de aldravias que o volume enseja. Experiência vária e multifacetada, os textos aqui reunidos representam o que há de mais atual em termos de criação poética. Em tempos “bicudos” para a poesia que, no dizer de alguns, “não vende”, nada mais salutar que o bafejar da ousadia que o aldravismo pratica. Se tentar burlar o que está estabelecido é, em certa medida, característica comum e corriqueira do fazer poético, a radicalidade do gesto poético aldravista, insere-se no hall de certa vanguarda que não pretende a glória dos cenáculos da admiração global, mas contenta-se com o exercício contínuo e gratificante da poesia que se quer assim mesmo: POESIA.

Aqui fica, então, o convite para a fruição desses universos condensados de sentido, as aldravias, que passeiam pelo olhar do leitor que se quer atento e participante. É a oportunidade de tomar contato, em primeira mão, com material que vai ser lançado em Lisboa, em 2013, sob os auspícios da Academia Internacional de Heráldica de Portugal, na pessoa do Dr. Vitor Escudero, seu Presidente e Chanceler da Academia de Letras e Artes, ambas em Portugal.

Mariana, outono, 2012.

Dr. José Luiz Foureaux de Souza Júnior  
 Doutor em Literatura Comparada (UFMG)  
 Pós-doutor em Literatura Comparada (UFF)

### Comentários:

A aldravia nasce da necessidade de os aldravistas demonstrem efetivamente a poesia metonímica defendida por eles desde o advento do aldravismo, como forma de explicitar o conceito semiológico de metonímia, ou seja, o modo de sua realização textual, em que uma parcela de algo assume significação de uma totalidade, uma insinuação se faz discurso e uma Forma se faz resultado, segundo Donadon-Leal (2002).

Os aldravistas não procuram a obscuridade no pensar e no transmitir suas mensagens, são artistas de hoje, de nosso século XXI, e, por isso, como dizia o grande poeta e teórico norte-americano (Erza Pound), não podem ser negligenciados. Devemos com o maior carinho, observar o que querem dizer nos seus versos que nos vão ajudar a suplantar o possível declínio de nossa cultura poética.

(Carlos Alberto dos Santos Abel // Doutor em Letras Vernáculas // Espanha).

Les poètes du Minas Gerais ont su, dans leur longue recherche d'une expression vierge, créer une nouvelle forme poétique, l'aldravia. Il s'agit de petites pièces qui relèvent de l'art minimaliste. Ces poèmes ont été composés pour la première fois dans le Minas Gerais. Leurs auteurs ont été appelés poetas aldravistas (de aldravia, poème minimaliste de six vers, chaque vers étant d'une seul mot pour présenter aux lecteurs la substantifique moelle littéraire, la poésie qui nous fait saisir, em se servant de la métonymie, la totale présence de la Création) (THRACY, 2011:13)

França.

## EDIÇÃO ESPECIAL



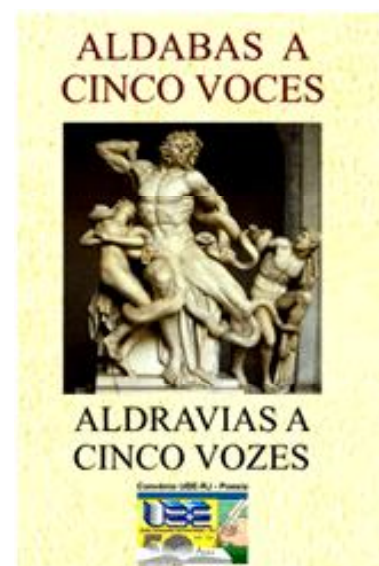
## ALDRAVIAS LANÇAMENTOS



### O LIVRO DAS ALDRAVIAS

Organização de: Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, J. B. Donadon-Leal e J.S.Ferreira - 2012.

Aldravianistas participantes: Afonso Baião, Amélia Luz, Andreia Donadon Leal, Angela Togeiro, Anício Chaves, Athanase Vantchev de Thracy, Auxiliadora de C. e Lago, Benedita Azevedo, Cecy Barbosa Campos, Célia Lamounier de Araújo, Cely Vilhena Falabella, Clevane Pessoa, Edir Meirelles, Elvandro Burity, Elza Aguiar Neves, Francisco Nunes, Gabriel Bicalho, Gilberto Madeira Peixoto, Hebe Rôla, Humberto Martins, Ilda Brasil, Izabel Eri Camargo, J. B. Donadon-Leal, J.S.Ferreira, José de Assis, José De Castro, José Luiz Foureaux de S. Júnior, Juçara Valverde, Luiz Gondim, Luiz Poeta, Marcia Barroca, Maria Beatriz Del P. Ramos, Goretti de Freitas, Marília Siqueira Lacerda, Marilza A. de Castro, Mário Donleal, Marisa de Castro Godoy, Marzo Sette Torres, Maura Maria Martins, Messody Ramiro Benoliel, Michelle Bicalho, Miriam Stella Blonski, Nilze Monteiro, Ricardina Yone, Rose Stteffen, Suzana Peixoto, Vanise Buarque, Vilma Cunha Duarte, Wilma Maria Quintiliano, Vitor Escudero, Zaíra Melillo Martins. // //



### ALDABAS A CINCO VOCES

Autores: Edir Meirelles, Juçara Valverde, Luiz Gondim, Marcia Barroca e Messody Benoliel. // Primeira publicação impressa de aldravias em livro no Rio de Janeiro. // Lançamento em Salamanca/Espanha / 2012.



Computadores, acessórios, manutenção e rede. ☎ Fone: 0 - 31 - 3832-1462  
Av. Castelo Branco, 180-A - Centro - Santa Bárbara/MG.



**TRANSAMÉRICA FM 92,5**  
(031) 3832-2300 ou (31) 3832-1082  
SANTA BÁRBARA / MINAS GERAIS



## ALDRAVIA: NOVA FORMA, NOVA POESIA\*

**J. B. Donadon-Leal**  
Pós-Doutor em Análise  
do Discurso / UFOP  
jbdonadon@hotmail.com

A arte da poesia, desde a antiguidade, já experimentou muitas formas. Sempre ela esteve certificada pela grandeza com que a arte encanta olhos e ouvidos. Ela consagrou nomes e eternizou formas, além de ter revelado muitas faces ocultas das paixões pela vida. Não é à toa que a poesia é tida por muitos como a mais nobre entre todas as artes.

Das narrativas longas da antiguidade, passando pela condensação dos sonetos do advento da era moderna ou pela síntese do haicai do oriente do Séc. XXVII, a poesia experimentou extremos: muitas palavras para muitos conteúdos ou muitos conteúdos em poucas palavras. De qualquer forma, a poesia presta-se para a incubação de novidades à linguagem e, ao mesmo tempo, para o culto às memoráveis celebrações ao passado.

Em novembro do ano de 2000, com o lançamento do Jornal Aldrava Cultural, os poetas aldravistas, empreendedores do movimento que nasce em Mariana, Minas Gerais, a partir daí, consignaram um propósito de em 10 anos apresentarem à sociedade um projeto cultural que apontasse caminhos para a celebração das coisas e dos sujeitos produtores das artes.

O primeiro legado dos aldravistas foi a ideia de organização do mundo artístico, seja para produzi-lo, seja para compreendê-lo, a partir do conceito de metonímia: porções constitutivas das coisas podem representá-las, muito bem, no mundo das significações. Essa percepção abre espaço para o enfrentamento à concepção prepotente das metáforas que trazem consigo arroubos de substituições totalitárias. Ao mesmo tempo, a poesia metonímica busca demonstrar que a poeticidade pode estar na simplicidade. A leitura da poesia não pode ser uma tortura em busca de significações. Sentidos têm que saltar da forma poética com a facilidade com que se captam os significados na fala cotidiana. Tortura não combina com poesia. A única dor tolerável na poesia é a do prazer.

Sabendo ser parte de um todo que se diz nessa parte, para que se querer todo sempre que alguma parcela desse todo se faz necessária na construção de algum projeto temático? Cada parte de um todo se joga num conjunto discreto que se deixa escolher em cada investida produtiva de significação. Esse é o espírito da enciclopédia, que se revelou integralmente no complexo mundo wiki, hipertextual e em cadeia com escolhas e escolhas de novas metonímias que se alimentam dessas escolhas.

O que o espírito wiki realiza é exatamente o que o espírito da poesia já revela há milênios: o mínimo de palavras para a abertura do máximo de possibilidades significativas, plagiando Pound em sua reflexão sobre a arte da poesia.

Ao lado disso, a partir de reflexões sobre os destinos da poesia, os aldravistas liderados por Gabriel Bicalho buscaram observar a poesia que enceta para a síntese nos poemas curtos, nas trovas, nos haicais. Essa característica de observador da síntese vai ao encontro da hipótese poundiana de poesia. Mas, seriam, de fato, essas formas poéticas as mais sintéticas? Representa-

tariam elas, de fato, as metonímias perseguidas pelos aldravistas?

A ideia de flash, de fotografia ou de uma porção de algo parece contemplada nessas formas poéticas. Elas demonstram também outro aspecto do aldravismo – a livre escolha de formas de poesia.

Aí outro aspecto do espírito do poeta evidencia-se: a inquietação. Essa inquietação faz do poeta um ser que está sempre em busca de algo a mais, do ponto extra, da falta, do que ainda não foi visto. Mais uma vez os aldravistas se valem do legado de Pound em seus ensaios literários de 1934, para concretizarem o paideuma: “a organização do pensamento de modo que o próximo homem ou geração possa achar, o mais rapidamente possível, a parte viva dele e gastar o mínimo de tempo com questões obsoletas”.

Que novidade os aldravistas poderiam deixar para as gerações futuras? Além da vasta produção já obtida nesses dez anos de estrada, além da promoção de talentos e de investimento na criatividade infantil, os poetas aldravistas poderiam apresentar uma nova forma poética. Não fazia parte do empreendimento inicial, pois é possível brincar com a liberdade utilizando-se das formas poéticas consagradas. O grande investimento aldravista é no conteúdo metonímico – pouco importa a forma. A forma é apenas textual, é apenas envelope dentro do qual os discursos se depositam em sua fecundidade ilimitada, disponíveis aos olhares de espectadores que alcançam alguma porção discursiva a partir da qual expande sua compreensão e interpretação.

Mas, que tal uma nova forma? Eis que do permanente congresso do movimento aldravista de artes, do qual participam ativamente Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, eu e J. S. Ferreira, surgiu uma nova forma de poesia: a **aldravia, nome sugerido por Andreia Donadon Leal a uma forma elaborada por Gabriel Bicalho**, com base na concepção de encontro com os sentidos na possibilidade real de se ter o máximo de poesia no mínimo de palavras.

Trata-se de um poema sintético, capaz de inverter ideias correntes de que a poesia está num beco sem saída. Essa forma nova demonstra uma via de saída para a poesia – **aldravia**. O Poema é constituído numa **linométrica de até 06 (seis) palavras-versos**. Assim, tem-se uma nova forma, mas não uma “fôrma”, como a trova, o haicai, o soneto.

Esse limite de 06 palavras se dá de forma aleatória, porém preocupada com a produção de um poema que condense significação com um mínimo de palavras, conforme o espírito *poundiano* de poesia, sem que isso signifique extremo esforço para sua elaboração.

O movimento aldravista de arte chega maduro aos seus dez anos de existência, pronto para apresentar nova forma poética ao conteúdo metonímico já experimentado nas formas canônicas de versejar. Poesia tem que ter poeticidade na simplicidade, conteúdo na síntese e porta aberta às interpretações.

Poesia é germinação, por isso não precisa pretender-se à completude em longas narrativas, pois  
curta  
poesia  
do  
verbo  
pólen  
via

## ALDRAVIAS ALDRAVIAS

luz  
do  
sol  
ultrapassa-me  
a  
alma

**Marcos Vanderlei Alves de Oliveira**  
(Florianópolis / SC)

chuva  
fina  
no  
milharal  
saudade  
desaguando!

**Iranilda Divina Resende Paes**  
(Goiás / GO)

10  
escorridas  
águas  
vêm  
lavar  
encardidas  
histórias!

**Daladier Carlos**  
(Rio de Janeiro / RJ)

e  
um  
sabor  
escapa  
da  
palavra

**Marco Llobus**  
(Belo Horizonte / MG)

ser  
Ezra  
depois  
de  
ler  
Pound

**Tânia Meneses**  
(Aracaju / SE)



Dra. ANA MÁRCIA M. S. ARAÚJO  
CROMG 33939  
Rua Frei Durão, nº 176 - Centro/Mariana-MG



O LIVRO DAS ALDRAVIAS // O LIVRO DAS ALDRAVIAS // O LIVRO DAS ALDRAVIAS // O LIVRO DAS ALDRAVIAS O LIVRO DAS ALDRAVIAS

01  
pôr  
de  
sol  
poção  
de  
rio

*Afonso Guerra-Baião*



01  
poesia,  
sopro  
de  
Deus  
para  
poetas

*Benedita Azevedo*

01  
a  
lua  
esbanjando  
charme  
usa  
prata

*Elza Aguiar Neves*



01  
quartzo  
rosa  
pedra  
semi-preciosa  
do  
amor

*Izabel Eri Camargo*

01  
palavras  
resmungam  
aldravias  
nos  
meus  
ouvidos!

*Amélia Luz*



01  
porta  
retrato  
vazio  
emoldura  
minha  
solidão

*Cecy Barbosa Campos*

11  
monstros  
destruindo  
Tóquio:  
memórias  
de  
infância

*Francisco Nunes*



01  
musa  
inspiradora  
delicadeza  
de  
mão  
feminina

*José de Assis*

01  
montanhas  
mineiras,  
maná  
sagrado,  
sangrado  
minério!

*Angela Togeiro*



01  
mãe  
sua  
ausência  
plantou  
tristeza  
aqui

*Célia Lamounier de Araújo*

01  
não  
une  
metades  
mas  
dois  
inteiros

*Gilberto Madeira Peixoto*



01  
aldravia  
chave  
mestra  
metonímia  
abrindo  
poesia

*José de Castro*

01  
aldravia  
última  
flor  
culta  
da  
poesia

*Anicio Chaves*



01  
tilintam  
aldravas  
nos  
casarões  
de  
Minas

*Cely Vilhena*

01  
sino  
divino  
plange  
responsus  
canta  
alphonsus

*Hebe Rôla*



01  
ultrapássaros  
ardências  
sol  
da  
tarde:  
verão

*José Luiz Foureux de Souza Júnior*

01  
être,  
frissonner,  
boire  
le  
matin,  
miséricorde!

*Athanase Vatchev de Thracy*



01  
rua  
vazia  
cheia  
de  
ausências  
plenas

*Clevane Pessoa*

01  
a  
lua  
baila  
sozinha  
na  
rua

*Humberto Martins*



01  
folhas  
ao  
vento  
arrastam  
sem  
resgate

*Juçara R. V. Valverde*

01  
pôr-de- sol  
na  
serra  
aquarela  
na  
terra

*Auxiliadora de Carvalho e Lago*



01  
no  
deserto  
legendário  
odalisca  
cavalga  
dromedário

*Edir Meirelles*

01  
natal  
momento  
propício  
à  
reconciliação  
integrativa

*Ilda Maria Costa Brasil*



01  
em  
gemidos  
sequelas  
de  
velhos  
conflitos

*Luiz Gondim*





**MC** festas & eventos  
*Ofereça o que há de melhor para seus convidados* / MARIANA/MG.

TRABALHAMOS COM FESTAS EM GERAL

⇒ 3557-1883

⇒ 8841-1883

⇒ 8757-1883

O LIVRO DAS ALDRAVIAS // O LIVRO DAS ALDRAVIAS // O LIVRO DAS ALDRAVIAS // O LIVRO DAS ALDRAVIAS O LIVRO DAS ALDRAVIAS

01  
 num  
 único  
 sorriso  
 Monalisa  
 immortalizou  
 Da Vinci  
*Luiz Poeta*  
 (Luiz Gilberto de Barros)



01  
 zoeira  
 na  
 pitangueira  
 feira  
 das  
 abelhas  
*Mário DonLeal*

01  
 balas  
 em  
 papel  
 celofane  
 guardam  
 doçuras  
*Miriam Stella Blonski*



01  
 lágrimas  
 de  
 telha  
 choro  
 do  
 céu  
*Vilma Cunha Duarte*

01  
 em  
 noite  
 estrelada  
 transpasso  
 alucinante  
 sonho  
*Marcia Barroca*



01  
 no  
 abstrato  
 do  
 sonho  
 saudade  
 concreta  
*Marisa de Castro Godoy*

01  
 noite  
 orvalha  
 sobre  
 notívagos  
 gotas  
 noturnas  
*Nilze Monteiro*



01  
 verão  
 quente,  
 amor  
 frio,  
 inverno  
 vazio!  
*Vítor Manuel Escudero de Campos*

01  
 enquanto  
 dormes  
 estrelas  
 vestem  
 o  
 amanhecer  
*Maria Beatriz Del Peloso Ramos*



01  
 aldravias  
 em  
 dúzias  
 fugidias  
 criando  
 fantasias  
*Marzo Sette Torres*

01  
 catarse  
 interiorização  
 paradigmas  
 são  
 belos  
 enigmas!  
*Ricardina Yone*



01  
 aroma  
 de  
 alecrim  
 lembrança  
 da  
 infância  
*Wilma Maria  
 Quintiliano de Oliveira*

01  
 soberbo  
 arco-íris  
 fulgura  
 na  
 montanha  
 luzente  
*Maria Goretti de Freitas Oliveira*



01  
 cósmicas  
 linhas  
 traçadas  
 paralelas  
 buscando  
 infinito  
*Maura Martins*

01  
 oceanos  
 entrelaçados  
 ondas  
 melífluas  
 amor  
 espriando  
*Rose Stteffen*



01  
 aldravias?  
 humilde  
 confesso:  
 engatinho  
 nos  
 versos  
*Záira Melillo Martins*

01  
 minha  
 poesia:  
 mãos  
 delicadas  
 colhendo  
 flores  
*Marilia Siqueira Lacerda*



01  
 capto  
 palavras  
 perdidas  
 quando  
 almas  
 flutuam  
*Messody Benoliel*

01  
 límpidas  
 águas  
 nascentes  
 lágrimas  
 da  
 terra  
*Suzana Peixoto*



**EDIÇÃO  
 ESPECIAL**



TODOS OS AUTORES, QUE ORA  
 PUBLICAMOS, SÃO MEMBROS  
 DA SOCIEDADE BRASILEIRA  
 DOS POETAS ALDRAVIANISTAS  
 E CONSTAM DE "O LIVRO  
 DAS ALDRAVIAS", A SER  
 LANÇADO NA CASA DAS  
 ROSAS, ESPAÇO CULTURAL  
 DO POETA HAROLDO DE CAM-  
 POS, EM SÃO PAULO, CAPITAL,  
 EM 05/10/2012. // // // // //

01  
 descalço  
 pé  
 de  
 chinelo  
 galga  
 planalto  
*Marilza A. de Castro*  
 [Carvalho Branco]



01  
 renovação  
 constante  
 lua  
 ilumina  
 caminho  
 distante  
*Michelle Bicalho*

01  
 voo  
 da  
 garça:  
 manifestação  
 mediúnica  
 revivida  
*Vânise Buarque*



 Eletropolly Ltda.

Fone: (31) 3557-2787

Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG

 Eletropolly Ltda.

Fone: (31) 3557-2787

Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG

 Eletropolly Ltda.

Fone: (31) 3557-2787

Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG

# ALDRAVIAS

## { as linguagens líquidas do poema }

Magna Campos / Mariana-MG

MESTRE em LETRAS: Discurso e Representação Social (UFSJ)

A modernidade líquida, termo cunhado pelo sociólogo Zygmunt Bauman para nomear a era atual, denominada por alguns de pós-modernidade e por outros de hipermodernidade, é a fase em que tudo aquilo que era sólido e estático se derreteu ou está se derretendo, não para formar novos sólidos – já que não se prende ao tempo e não se fixa espaço – mas para fluir liquefeito pelas novas vias que se lhe apresentam ou que vão sendo configuradas numa sociedade que se transmuda a todo instante.

A metáfora da liquidez advém da observação de que:

*“os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’.”* (BAUMAN, 2001, p.8) Grifos do autor.

É essa extraordinária mobilidade dos fluidos que os associa à ideia de leveza. Pois, é possível associar leveza à mobilidade e à inconstância. Dessa forma,

*“descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas. Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados - ficam molhados ou encharcados.”* (BAUMAN, 2001, p.8) Grifos do autor.

Sendo assim, a metáfora do líquido é escolhida por Bauman para designar a nossa era, uma vez que capta a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras na história da modernidade. Uma fase em que tudo é fugaz, transitório, múltiplo, heterogêneo e fragmentado.

O sinal digital que fluidifica espaços e bits e os transmite em questões de segundo passa a ser o exemplo máximo da inexorabilidade do espaço e da presencialidade do agora em nossas vidas.

Nessas configurações, no século XXI, a produção artística e suas linguagens também estão submetidas a esses imperativos socioculturais, nos quais a incerteza e a transitoriedade atravessam-na. Na liquefação, desvanece a distinção entre o novo e o conhecido, e o gesto de criar e de destruir passam a fazer parte de uma mesma moeda, já que a ideia de imobilidade aterroriza por decretá-la candidata ao esquecimento e ao abandono.

A ideia da liquidez faz fundir o tradicional e o não tradicional e daí surgir um híbrido que não é um ou outro, mas um e outro ao mesmo tempo, imiscuído numa linguagem líquida e movente. A discussão entre o valor estético de uma obra agora se mescla à função desta obra, sem diminuir-lhe ou agregar-lhe valor. Simplesmente, configuram uma nova sintaxe, que por ser híbrida, carece de novas categorias de análise que se pautem naquilo que une e não naquilo que separa. A singularidade está no hibridismo e não na separação entre a vanguarda e a contemporaneidade.

Há uma tendência das produções artísticas de centrarem-se nos acontecimentos passageiros, por isso efêmeros. E o poema líquido-moderno não contraria essa tendência que é fruto de seu engajamento em seu tempo, ou melhor, nas fragmentações de tempo de nossa era.

Mas o que seria esse poema líquido-moderno?

Talvez, a indefinição seja a melhor das respostas, uma vez que o líquido não permite mais do que conformações momentâneas, antes que assumam nova forma. Mas se poderia tentar designá-la como um poema que consiga envolver as características da liquidez não apenas em sua condição de produção, como também em sua linguagem. Que o seu dizer-fazer seja sua própria definição.

Tem-se assim, em minha opinião, como alguém que tem se dedicado há quatro anos ao estudo da proposta da liquidez, um exemplo máximo dessa sintaxe líquido-moderna aquele que figura no novo estilo poético intitulado, por seus proponentes, de Aldravia.

A Aldravia conceituada no Jornal Aldrava Cultural, onde foi primeiramente publicado, como se tratando de:

*“um poema sintético, capaz de inverter ideias correntes de que o poema está num beco sem saída. O poema é constituído numa linométrica de até seis palavras-versos. Esse limite de seis palavras se dá de forma ale-*

*tória, porém preocupada com a produção de um poema que condense significação com um mínimo de palavras [...] (DONADON-LEAL, 2010, Nº 88, p. 3)*

Já nessa conceituação, podem-se pinçar algumas influências da modernidade líquida na caracterização poética.

Apresenta-se a ideia da condensação da linguagem e das ideias, pois numa sociedade movente, é preciso ser e tornar-se leve, desfazer-se de tudo que atravesse a mobilidade; é preciso “dinamitar” o espaço para ganhar “tempo”, que é sempre escorregadio, que é sempre não mais que um instante.

Também, têm-se a aleatoriedade das palavras e de sua organização, pois as palavras que já se dizia há muito que “desmanchavam-se no ar”, agora “escorrem”, “esvaem-se”, “transbordam” e “inundam” com grande facilidade o texto em que se apresentam.

No encontro de um possível obstáculo “o poema estaria num beco sem saída”, dissolve o poema tradicional e o reconfigura com uma roupagem mais atual.

Outra característica da Aldravia, que proporia como característica líquido-moderna deste tipo de poema, refere-se ao fato de, aparentemente, afastar-se da representação como “fotografia”, que fixa e congela a cena no momento e no espaço, para aproximar-se do vídeo digital, capaz de captar e em milésimos de segundo transformar em movimento, em fluidez. Observe-se essa tendência nas Aldravias a seguir:

se  
sol  
lá  
noite  
aqui

Andreia Donadon Leal

salto  
de  
cova  
nascimento  
do  
artista

Andreia Donadon Leal

sigo  
cigano  
em  
busca  
da  
poesia

J.S.Ferreira

Nos poemas acima, as minúsculas e a ausência de pontuação podem “confundir” nossos sentidos, pois não encontramos as habituais marcações de onde inicia – faltam as iniciais maiúsculas, que já nos convenciamos a encontrar no

CONTINUA NA PÁGINA 7...

**CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO** ➡ FONE: 3557-1130 ➡ ➡ ➡  
 Dras. ELIANE e REJANE BRANDÃO /// RUA ZIZINHA CAMELO, 06 // Sala - 04 = MARIANA/MG.

### CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6...

início de um texto – e faltam os pontos finais – que sinalizariam o seu término. Sinalizando mais para o fluxo e para o entremeio discursivo, do que o início e o fim, propriamente dito.

Além disso, a condensação de significados em poucas palavras evoca a produção de sentidos em caleidoscópio e não na linearidade, pois alude ao movimento e não a estaticidade de uma cena. Diria que condensam linguagens do tempo, fluidificando imagens, fotos, em fluxos contínuos. Fluxos de signos.

Condensação propositadamente aludida em:

aldravia  
 meu  
 verso  
 universo  
 em  
 poesia  
 Gabriel Bicalho

É deixada ao leitor a provocação e não a mensagem. Por isso, um poema metonímico e não metafórico. A abertura final é parte de sua concepção.

Aliás, a metonímia também seria uma ideia bastante apropriada para a era líquido-moderna, uma vez que a fragmentação se apossou das pessoas, do tempo e dos espaços. Pois como propõe o próprio Bauman, no livro *Identidade*, ter uma identidade fixa hoje, nesse mundo fluído, seria de certo modo uma decisão suicida. Estamos na era da construção múltipla de eus. E novamente, ilustro essa fragmentação com outra aldravia:

minhas  
 porções  
 diárias  
 metonímias  
 de  
 mim  
 J.B. Donadon-Leal

A novidade aqui não está, apoiando-me em Santaella (2007, p.97), no fato da identidade ser múltipla, pois a identidade humana é, por natureza, múltipla. A novidade está, isso sim, em tornar essa verdade evidente e na possibilidade de encenar e de jogar com ela até o limite máximo da transmutação.

É a nudez do poema como “supersigno” da linguagem que me parece buscar-se na modernidade líquida. Nesse contexto, a Aldravia parece despir-se diante dos olhos do leitor, para recompor-se em sua mente. Para daí, novamente desmanchar-se, fluir num movimento incessante.

Esses poucos exemplos servem para apontar, ainda que modestamente, o quanto a linguagem é versátil e o quanto as condições socioculturais e históricas fazem parte da instauração de cada “novo” discurso, seja ele poético ou não.

### Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Editora Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. São Paulo: Editora Zahar, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

DONADON-LEAL, J. B. “Aldravia – nova forma, nova poesia” In: *Jornal Aldrava*. Mariana, ano XI, n. 88, dez./2010:03.

“Aldravias”. In: *Jornal Aldrava*. Mariana, ano XI, n. 88, dez./2010.

## Renovando a Arte: o Movimento Aldravista

Rodrigo Corrêa Martins Machado

Mestrando em Literatura pela  
 Universidade Federal de Viçosa / MG

Em 2000, foi lançado em Mariana, interior de Minas Gerais, o *Jornal Aldrava Cultural*, que marca o início do movimento aldravista. O objetivo dos artistas que aderiram à produção da Arte aldravista era (e é) a criação de uma arte mais livre, sem as amarras impostas pela academia ou pela crítica elitista. Esta forma artística buscava (e busca) criar e ousar na produção de novos conceitos nas artes plásticas e literárias.

Segundo J.B Donadon-Leal (que é um dos artistas aldravistas): “Aldravismo vem de aldrava, termo que designa o utensílio com o qual se bate nas portas para que estas sejam abertas. Assim, o aldravismo pode ser caracterizado pela arte que chama atenção, que insiste, que abre portas para as interpretações inusitadas dos eventos cotidianos, em relatos daquilo que só o artista viu.”

A explanação feita acima deixa claro que a produção aldravista se debruça sobre o leitor, ou seja, é uma produção que visa o contato com o receptor, aquele que lê, que sente, que interpreta, cria expectativas e que, realmente, dá vida à Arte. Dentro desse contexto, vale ressaltar que os poetas e artistas participantes desse movimento têm um importante papel social, uma vez que vão de casa em casa, batem às portas, pedem para entrar e ao penetrar nas casas, levam consigo a arte, a poesia. Eles levam poesia às casas das pessoas, semeiam a arte Aldravista nos lares e proporcionam às pessoas o desfrutar da poesia e, por que não?, formam novos leitores.

“Arte aldravista é metonímica, pois não tem a pretensão de mostrar uma totalidade; contenta-se em apresentar um indício, uma metonímia.” O grupo aldravista criou uma nova forma poética, chamada Aldravia: “Trata-se de um poema sintético, capaz de inverter ideias correntes de que a poesia está num beco sem saída. Essa forma nova demonstra uma via de saída para a poesia – aldravia. O Poema é constituído numa linométrica de até 06 (seis) palavras-versos. Esse limite de 06 palavras se dá de forma aleatória, porém preocupada com a produção de um poema que condense significação com um mínimo de palavras, conforme o espírito *poundiano* de poesia, sem que isso signifique extremo esforço para sua elaboração.” Exporei abaixo alguns poemas produzidos pelos artistas aldravistas:

“do sexo” - (Poema de: Gabriel Bicalho)

/  
 corpo  
 pelo  
 corpo  
 //  
 alma  
 pela  
 alma  
 ///  
 vibrar  
 :  
 todo  
 sexo  
 sabe  
 a bênção do amor  
 que o gratifica  
 e  
 o crime do estupro  
 que o bestifica  
 :  
 deixem-no  
 saudável  
 !

Outro poema aldravista - (de J. B. Donadon-Leal):

iluminura  
 ferro retorcido  
 exposto a agruras

pendurada letra  
 bordada inicial

a  
 aldrava  
 a brava  
 abra

O erotismo em *Andreia Donadon Leal*:

dança de estrelas  
 brinde na noite  
 céu enluarado  
 eu e você  
 efêmero sopro  
 de sedução

E, por fim, a poesia de J. S Ferreira:

Meu São Gonçalo do Rio Abaixo:

I  
 (Da infância)

Nasci na rua direita  
 defronte à igreja do rosário  
 Minha mãe dizia que eu  
 cabia na palma de sua mão.

Hoje, o movimento iniciado em 2000 no interior de Minas Gerais, no berço do arcadismo, expandiu-se e possui adeptos em todo o Brasil, como também no exterior. Há a produção de artes visuais, poesias, contos, crônicas, charges, além do desenvolvimento de projetos culturais e educacionais, que já são reconhecidos em todo território nacional. O desenvolvimento desta nova forma artística e dos projetos sociais de incentivo à leitura proporcionaram o recebimento de prêmios importantes como o prêmio VivaLeitura em 2009. Com destaque também para o quadro de Déia Leal intitulado “O irreversível”, exposto no C.S.S Vera – Escultura, em Granada na Espanha, hoje a tela faz parte do acervo permanente do Museu Internacional de Artes Plásticas, em Durango, México.

O *Jornal Aldrava Cultural* possui uma versão online também. Nele encontramos muita Arte, poesia e tudo sobre o Aldravismo. Para acessá-lo, clique no link abaixo e boa leitura!

### Referências Bibliográficas:

Poemas / In: BICALHO, Gabriel et all. *Ventre de Minas* – poesia. Mariana: Aldrava Letras e Arte, 2009, p.120.  
[http://www.jornalaldrava.com.br/pag\\_aldravias.htm](http://www.jornalaldrava.com.br/pag_aldravias.htm)  
[http://www.jornalaldrava.com.br/pag\\_quem\\_somos.htm](http://www.jornalaldrava.com.br/pag_quem_somos.htm)



**TORNEAMENTOS MARIANA LTDA**  
Rodovia dos Inconfidentes, KM 108 - Bairro São José - MARIANA-MG

Telefones.:  
(31) 3557-2126  
(31) 3557-1783



## O MOVIMENTO ALDRAVISTA

No dia 14 de outubro do ano 2000, em Mariana-MG, criamos a *Aldrava Letras e Artes*, associação cultural, sem fins lucrativos, que registrou estatuto em que deixa contemplada sua expansão, nas mais diversas áreas da Cultura. A Aldrava passou a ser utilizada como símbolo da insistência/resistência de um grupo de escritores radicados em Mariana-MG, cuja inquietação cultural batia aldravas desde o início dos anos 90, através de *fanzines*, do panfleto cultural *4+ ou - poetas* e do jornal *CIMALHA*. Impedida a continuidade do *CIMALHA*, Gabriel Bicalho convocou alguns componentes e colaboradores desses projetos para a fundação do *JORNAL ALDRAVA CULTURAL*, cujos objetivos se delineavam na constituição de um movimento expressivo, capaz de sensibilizar o mais variado público. No ano 2002, foi criada a *Editora Aldrava Letras e Artes*, destinada à sustentação dos trabalhos realizados pelo grupo de escritores, que chamava a atenção de intelectuais, além fronteiras. E foram estabelecidas normas embrionárias do que, em breve, iria tornar-se no Movimento Aldravista, cujo cânone está no primeiro livro editado por nossa Editora, intitulado *Aldravismo - A Literatura do Sujeito*. Então, já promovendo mostras da Arte Aldravista, em busca da abolição do traço como forma de uma expressão pictórica mais livre, privilegamos a Pintura, tendo na DEIA LEAL a mais lídima representante desse segmento aldrávico. No final de 2010, ao completar 10 anos de ininterrupta atividade cultural, a associação carecia de um marco aos seus feitos e criamos uma nova forma poética, descomplicada e de fácil assimilação, a ALDRAVIA (nome sugerido por Andreia Donadon Leal à nova forma poética elaborada por Gabriel Bicalho), que motivou vários poetas de escol à criação de belíssimas peças literárias, muitas das quais estão presentes em "O LIVRO DAS ALDRAVIAS" [ Editora Aldrava Letras e Artes / 1ª Edição / 272 páginas / Tiragem: 1200 exemplares / 2012 ], antológica reunião de autores das mais variadas localidades, do país e do exterior. E, assim, a Aldravia nos propiciou a criação de outra sociedade cultural, a *SOCIEDADE BRASILEIRA DOS POETAS ALDRAVIANISTAS*, que, ao completar menos de um ano de atividades, já conta com mais de cinquenta associados, produzindo e divulgando as mais diversas manifestações de uma Poesia densa e instigante à inteligência dos mais exigentes leitores.

*Gabriel Bicalho*

Presidente da Aldrava Letras e Artes



**Leia:**

Ponto de Distribuição do  
Jornal **Aldrava Cultural:**  
**Escritório de Advocacia**  
**Roque Camello**  
Rua Guajajaras, 43  
Conjunto 104 - Centro  
**Belo Horizonte - MG**  
Fone: **3273-9080**  
(Das 12 horas às 18 horas)

Jornal Aldrava Cultural  
[ Contatos ]

**GABRIEL BICALHO**  
gabicalho@terra.com.br

**ANDREIA DONADON LEAL**  
deidonadon@yahoo.com.br

**J. B. DONADON-LEAL**  
jbdonadon@hotmail.com

**J.S.FERREIRA**  
jsferreira@bol.com.br

Expediente:

ISSN 1519-9665

**ALDRAVA**  
CULTURAL

EM CIRCULAÇÃO DESDE  
**NOVEMBRO DE 2000**

E-mail: [jornalaldrava@bol.com.br](mailto:jornalaldrava@bol.com.br)  
Site: [www.jornalaldrava.com.br](http://www.jornalaldrava.com.br)

Editado por:  
ALDRAVA LETRAS E ARTES  
CNPJ 04.937.265/0001-71

**Presidente:**  
GABRIEL BICALHO  
**Vice-Presidente:**  
J.S.FERREIRA  
**Secretária:**  
HEBE ROLA  
**Diretor de Arte:**  
CAMALEÃO  
**Diretora de Projetos:**  
ANDREIA DONADON LEAL  
**Conselho Editorial e Fiscal:**  
J. B. DONADON-LEAL III (Presidente) ///  
ANDREIA DONADON LEAL  
GABRIEL BICALHO  
GERALDO REIS  
HEBE ROLA  
J.S.FERREIRA  
JOSÉ LUIZ FOUREAUX DE SOUZA JR.  
**Tesoureiro:**  
J.S.FERREIRA  
**Jornalista Responsável:**  
THIAGO CALDEIRA DA SILVA  
Reg. Profis.: DRT-MG - 13894/MG  
**Assessor Jurídico:**  
GERALDO REIS  
**Assistência Contábil:**  
SERVCON - Serviços Contábeis  
**Webmasters:**  
RODRIGO MAGNO CAMELO REIS  
MÁRCIO JOSÉ BARRIOS

**Endereço do Jornal:**  
CAIXA POSTAL Nº 36  
CEP-35.420-000 - MARIANA (MG)

**Desenho / Igrejas:**

LÉLIO

Revisões e conceitos emitidos em artigos,  
poemas e colaborações diversas são de inteira  
responsabilidade dos respectivos autores.

hhhhh

Desenho: ALDRAVA - José Wash Rodrigues  
Impressão: Editora Dom Viçoso - 3557-1233

